

Devoções aos Monges do Contestado: Um Caso Específico no Oeste Paranaense

Gabriela Cristina Maceda Rubert

Resumo: Esse trabalho tem por intenção analisar a permanência da devoção aos monges do Contestado no oeste paranaense a partir das migrações, mais especificadamente ao monge João Maria de Jesus. Percebe-se que as migrações expandem as práticas religiosas para outras regiões, o que gera um intercâmbio muito grande no âmbito religioso. Isso gerou uma religião popular repleta de simbologias oriundas de várias práticas religiosas, além disso, pretendo analisar como os processos históricos e as relações sociais influenciaram a continuação da devoção aos monges, compreendendo suas resignificações como adaptação as novas problemáticas da sociedade.

As profecias messiânicas dos conhecidos três monges (João Maria, João Maria de Jesus e José Maria), influenciaram os camponeses esquecidos pela sociedade a lutar por uma vida melhor e pela posse de terra. As histórias em torno da origem e da vida desses profetas criou mitos e milagres que deram credibilidade ao poder sagrado de suas práticas e profecias. Duglas Teixeira Monteiro relata alguns feitos e o significado desses personagens na comunidade, substituindo muitas vezes as instituições ausentes no espaço rural e de difícil acesso, além disso, a proximidade com a vida simples dos camponeses gerou admiração e reconhecimento, o que nos ajuda a entender a formação da religiosidade popular e sua importância para seus praticantes.

Outra reflexão proposta é o significado da religião popular hoje. Assim como coloca José de Souza Martins, os processos de migração no Brasil são constantes, o que gera sentimentos em comum entre os migrantes, e muitas vezes anseios e sonhos refletidos nas práticas religiosas. A esperança da terra prometida, presente nas profecias dos monges, e em muitos movimentos sociais de luta, permanece na mentalidade dos camponeses migrantes.

As práticas religiosas populares não podem ser estudadas de forma homogênea, é preciso analisar casos particulares, para poder identificar as múltiplas influências e culturas implícitas nos atos de fé. Neste caso irei analisar o culto de um devoto específico ao monge João Maria de Jesus, problematizando suas relações com a Igreja oficial e com a religião popular.

Muitas vezes a permanência de determinadas crenças milenares e tradicionais, reflete a resistência da população á padronizações não aceitas. A imagem dos monges, a religião do Contestado e seu histórico são permeados de sentimentos de luta e reivindicação pela terra, o que nos faz refletir as resignificações de suas práticas no território do oeste paranaense, mais precisamente na cidade de Catanduvas, espaço permeado por muitos conflitos de terra. O que percebe-se é que a religião dialoga com a sociedade e exprime as lutas sociais e políticas da população, portanto é possível compreender e refletir o universo e as aspirações dos devotos do monge João Maria de Jesus analisando seus cultos e rituais religiosos.

Palavras Chave: religião popular, movimento messiânico, monge João Maria de Jesus.

Os Monges do Contestado

No território de fronteira entre o Estado de Santa Catarina e Paraná no final do século XIX e início do século XX, acentuavam-se relações de conflito geradas por séculos de desigualdades sociais entre os caboclos e o governo federal. Os políticos da então República desapropriaram os colonos de suas terras, para a construção da ferrovia que ligaria o Rio Grande do Sul a São Paulo. Esses camponeses já viviam em condições precárias e esquecidos pelos políticos. Além da indignação diante do descaso do governo, os camponeses contavam com a esperança da terra prometida pregada pelos profetas messiânicos, conhecidos como monges.

Três monges estiveram em contato constante com a população e realizaram verdadeiras peregrinações compartilhando sonhos e lutas. São João Maria foi o primeiro dentre os três a profetizar. Existem vários mitos sobre sua origem, mas muitos o apresentam como nascido na Galiléia, e que seu nome verdadeiro era Joannah Jeshona, portanto provinha da região onde o catolicismo teria surgido na sua forma mais pura (ALMEIDA JÚNIOR, 2009:79). Suas pregações eram justamente no caminho do catolicismo tradicional, mas foi ele quem iniciou as pregações messiânicas, do paraíso perdido, da terra prometida, de uma sociedade mais igual. A data de seu nascimento e de sua morte é bem discutida, não tendo registros confiáveis sobre esses dados.

Logo após seu desaparecimento surge outro monge, o São João Maria de Jesus, que seria o seguidor e que prosseguiria com as atividades do monge João Maria. Este é o monge que se tornou mais célebre na memória coletiva da população. Esteve durante muito tempo presente junto aos camponeses nos anos de luta e conflitos no Sul, e assim como seu antecessor, sua vida era cheia de mistérios. Sabe-se que tinha origem estrangeira, devido á registros de seu sotaque carregado e a seu nome original Atanás Marcaf. (ALMEIDA JÚNIOR, 2009:84) Essa ascendência estrangeira também ampliava a mística em torno dos monges, assim como gerava autenticidade em suas profecias. O ultimo monge do Contestado foi o José Maria, que participou efetivamente e diretamente nos conflitos do movimento, sendo considerado o monge militar, suas pregações, milagres e feitos não ficaram muito presentes na memória da população apesar de ter sido o que viveu mais recentemente.

As práticas dos monges estavam muito ligadas as assistências não geradas pelo Estado e pela Igreja. Duglas Teixeira Monteiro nos fala sobre essas relações dos monges com a comunidade:

Representava o monge, desse modo, um papel equivalente ao do padre, mas estava a serviço e era a expressão da autonomia do mundo religioso rústico(...) essa autonomia (...) manifesta-se ainda hoje, se bem que em menor grau, através de práticas mágico-religiosas – ligadas ao tratamento de moléstias, a recursos de autodefesa e proteção e á tradição das festas dos padroeiros locais. (MONTEIRO,1974:81)

Para Duglas T. Monteiro, “catolicismo rústico” não assume um tom pejorativo, nem se coloca como “primitivo” em contraposição a “moderno”. O autor refere-se às práticas tradicionais dos caboclos fora dos cânones do catolicismo oficial, muito especialmente ligadas ao batismo e compadrio. Nesse sentido, o autor se afasta de outras perspectivas que privilegiavam na análise do Contestado questões como violência, mandonismo¹ e autoritarismo.

A religiosidade popular

Muitas regiões eram de difícil acesso para os padres e não possuíam paróquias com atividades constantes da Igreja e práticas religiosas. Isso gerou uma “independência” e uma religiosidade particular da população rural, o que Duglas Monteiro chama de religiosidade

rústica. No caso do Contestado, a religião popular ajudou a formação do movimento e, portanto se constituiu enquanto uma religiosidade de reivindicação, próxima dos interesses e da luta da população. Sendo assim os monges e as entidades religiosas particulares desse processo cativaram um grande número de devotos, que perpetuaram suas práticas através de seus sucessores.

A intitulada Santa Religião, que foi muito importante para a aglomeração, para a formação e para os ideais do “exército” caboclo no movimento do Contestado, foi gerada pela fé e esperança atribuídas às profecias dos monges. A imagem e a construção religiosa que a população criou desses profetas deveu-se principalmente á propagação dos mitos em torno de suas práticas cotidianas, de suas penitências, da simplicidade e da presença ativa com a população.

Atualmente muitos autores se debruçam sobre a religiosidade popular e suas práticas. Referindo-se a elas, Paulo Pinheiro Machado levanta a discussão á respeito das relações entre a religião oficial e a religião popular do Contestado:

Tudo indica que, além dos conflitos suscitados por uma radical mudança na postura e na ação do clero católico, as antigas práticas do “catolicismo popular” já estavam distantes dos modelos desejados pelas lideranças sacerdotais tradicionais. O “catolicismo popular” não é algo uno ou imutável, caracteriza-se por agregar práticas e reinventar significados que se modificam de região para região. Para Pedro Ribeiro de Oliveira, o catolicismo popular é uma “auto – produção do grupo camponês”, “por se contrapor àquela dos especialistas que procuram ter o monopólio dos sacramentos e dos ensinamentos”, “é uma reinvenção do código oficial” (MACHADO, 2004:172)

Para a compreensão da religiosidade popular do Contestado atualmente, é necessário, retomar a origem desta religião não oficial. A constituição de uma nova religiosidade-frente ao catolicismo oficial poderia ser interpretado também como resistência popular, diante das normas católicas oficiais pouco reafirmadas, devido á já citada distância de certas paróquias de determinadas áreas rurais.

A Igreja Católica irá combater e condenar durante muito tempo as práticas da religião popular, por ela vista como profanas, buscando centrar a imagem divina a uma única divindade, Deus, justamente retomando os princípios de uma religião monoteísta. Com isso busca também a retomada de única instância detentora do sagrado e divino, através da romanização do catolicismo, estabelecendo normas e padrões muito distantes da população. Vê a religião popular, portanto enquanto forma de exteriorização “vazia” da fé, expressão da ignorância do povo, ou obra de perversão e maldade. (MONTES,1998:111)

Muitos estudos sobre o movimento do Contestado o denominam enquanto um movimento social messiânico e milenarista. Há um grande debate na historiografia específica do conflito a respeito do uso dessas classificações. Mas há um consenso entre os estudiosos: a influência lusitana e sebastianista nas práticas religiosas do conflito. Junto a isso somam-se as influências da religiosidade africana no território brasileiro. A região do conflito contava com um grande número de negros, de índios e dos ditos “caboclos” o que gerou uma religiosidade repleta de hibridizações². Mas, especificadamente, a religiosidade popular do Contestado apresenta influências mais acentuadas lusitanas e africanas, justamente porque a grande camada popular era considerada “cabocla”.

É muito comum na religião popular o culto a santos e divindades que foram homens que viveram junto com a população, principalmente em momentos de dificuldade, que compartilharam dos costumes, das práticas e das vivências do povo, e que muitas vezes pregavam a perseverança e a esperança de uma vida melhor através da fé. Essas santificações populares fazem com que o devoto se reconheça na imagem propagada de um homem comum, simples e humano. A criação de sistemas próprios de devoção também deve ser pensada enquanto independência das instancias religiosas, pois assim quem dita as normas e

os padrões de crenças não são os padres, ou a instituição religiosa, mas sim os próprios praticantes da religiosidade popular, desenvolvendo muitas vezes uma resistência e até certo ponto um antagonismo diante da Igreja Católica oficial.

José de Souza Martins aponta a persistência de certas noções muito antigas como a busca da terra prometida, que muitas vezes estão presentes nas migrações,

A migração de milhares de pessoas do Nordeste e do Centro-Oeste para a Amazônia, a partir dos anos 1950 e até hoje, lugar de numerosos conflitos camponeses, tem sido concebida pelos próprios migrantes como uma imensa romaria em direção à terra prometida. No mais das vezes, devotos do Padre Cícero deslocam-se em busca da mítica Bandeira Verde, cuja existência ele teria mencionado em suas profecias, vulgarizadas em folhetos de cordel. Tudo indica que a concepção utópica resulta de uma mescla de crenças medievais que reúne as idéias de Gioacchino, Da Fiori sobre a Terceira Era, o Tempo do Divino Espírito Santo, com o imaginário das Cruzadas e das peregrinações à Terra Santa. (MARTINS, 2008: 72)

Embora esse autor esteja se referindo a “práticas” e a “concepções”, ele situa os movimentos de Canudos e Contestado como duas situações em que “a Igreja Católica apoiou o Estado e se pôs contra os camponeses, que supunha heréticos”. No entanto, logo a seguir, ele se refere às práticas presentes no MST, “o maior e mais ativo movimento camponês do Brasil, na atualidade, no qual ele enxerga também elementos de inspiração milenarista e messiânica”. (MARTINS, 2008:73). Dentro do movimento do MST atualmente em determinadas regiões permanece a devoção ao Monge João Maria de Jesus, justamente por representar a luta pela terra, e a esperança de um paraíso perdido, onde o mundo é mais igualitário.

Existe um debate que afirma que a religiosidade do Contestado não deve ser classificada como catolicismo popular, pois estabelece novos padrões e núcleos. Acredito que é possível considerar essas práticas religiosas como católicas, pois utilizavam imagens, profecias e nomes oriundos dos escritos católicos e do imaginário dos devotos. A própria mudança de nome dos profetas, indica o vínculo destes com a religião católica, mas diferente da pregada pelos padres, oriunda das práticas populares e das reivindicações de luta pela terra.

Os historiadores ainda temem e desprezam muito o estudo da religião popular, as pesquisas nesse campo acabam ficando restritas praticamente á antropólogos, sociólogos e filósofos. Creio que o pensamento de Mircea Eliade seja um grande ensinamento para muitos historiadores ainda receosos das pesquisas sobre religião:

Conhecer as situações assumidas pelo homem religioso, compreender seu universo espiritual é, em suma, fazer avançar o conhecimento geral do homem. É verdade que a maior parte das situações assumidas pelo homem religioso das sociedades primitivas e das civilizações arcaicas há muito tempo foram ultrapassadas pela História. Mas não desapareceram sem deixar vestígios: contribuíram para que nos tornássemos aquilo que somos hoje; fazem parte, portanto, da nossa própria história. (ELIADE)

A permanência da devoção aos monges

Inicialmente contextualizei o cenário histórico do surgimento e da aceitação das profecias dos monges, para melhor entender os vestígios e suas influências na sociedade atual.

Há um tempo em um trabalho de campo de um antigo projeto do qual participava, fomos visitar a casa de um senhor chamado Seu Juca, em sua casa nos deparamos com várias representações religiosas. Em um canto de seu quarto estava disposto um altar, organizado em dois andares. Nele encontram-se várias imagens de santos oficiais da Igreja Católica, assim como de Nossa Senhora, principalmente a padroeira brasileira, Nossa Senhora Aparecida, pela qual Seu Juca demonstra muita devoção. Além disso, algumas imagens de Jesus Cristo se colocam presentes, uma um crucifixo grande, outra o menino Jesus, e uma

pintura com a seguinte mensagem: “Abençoe este lar”. Sobre a mesa uma vela e alguns folhetos de orações, inclusive da Nossa Senhora da Cabeça, que também está representada através da imagem da santa. Ao lado do altar estava o mastro da festa do Divino Espírito Santo.

Mas o que realmente chamou a atenção foi a fotografia do monge João Maria de Jesus, junto á várias imagens consagradas pela Igreja Católica. Seu Juca considera o monge um personagem santificado, assim como seu pai e muitos outros homens que estiveram em contato com ele. Quando nos contou sobre os feitos e “causos” de João Maria, Seu Juca demonstrou devoção e crença em proteção através do culto á esse personagem condenado pela Igreja Católica. Outro símbolo religioso que devemos analisar é o mastro do Divino Espírito Santo, elemento muito antigo, característico do catolicismo colonial e tradicional. A sua presença junto ao altar simboliza mais uma prática religiosa de Seu Juca recorrente a tempos remotos, e que também fez parte do universo religioso do monge João Maria de Jesus. Vários registros apontam que o monge possuía uma bandeira do Divino Espírito Santo, uma divindade muito cultuada e aceita nas sociedades camponesas. (VINHAS DE QUEIROZ, 1981, p. 51).

Após esse contato com Seu Juca desencadeei uma grande curiosidade a respeito da figura do monge João Maria de Jesus. Na graduação estudei pouco o movimento do Contestado, sendo que não tinha conhecimento algum sobre os personagens e as práticas religiosas relacionadas ao conflito.

Ao estudarmos mais a região através do projeto pode-se perceber grupos de migrantes muito distintos, vindos de várias regiões e conseqüentemente com costumes diversos. Havia, décadas atrás, uma propaganda muito grande da região, com terras baratas e com boas condições de produção, o que fez com que muita gente procurasse a localidade em busca de uma condição de vida melhor. Foi o caso do pai de Seu Juca, um migrante do estado de Santa Catarina, que se estabeleceu em Catanduvas, região oeste do Paraná, na época em que a região pertencia todavia a Foz do Iguaçu. Entrevistamos migrantes de Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul, de vários estados do Nordeste e muitos vindos de Santa Catarina.

O culto ao monge João Maria na região oeste do Paraná não é uma prática particular de Seu Juca. O pesquisador José Carlos dos Santos faz referencia a uma capela situada no município de Campo Bonito, próximo a Catanduvas; ela fica localizada ao lado de uma fonte de água, e chama-se Capela de São João Maria. Dizem que a cada enchente a água levava a capela, portanto ela foi reconstruída várias vezes, o que simboliza a importância desse espaço para a população local. Além disso, a fonte de água era considerada sagrada pelos devotos, que atribuíam valores de cura e de proteção á água abençoada por João Maria, mas ela secou e as práticas em torno da capela cessaram. Muitas narrativas populares relatam o benzimento da água feito por personagens de devoção popular. Na época do conflito do Contestado os monges benziam as águas para proteger os fiéis, e essa prática permaneceu durante algum tempo, e continuou presente no imaginário da população.

A Igreja da região, padronizada como todas as outras pelas normas estipuladas pelo Vaticano, condena as atribuições de santidade e de milagres aos monges, procurando mais uma vez estabelecer sua hegemonia enquanto detentora do sagrado. Podemos analisar esse combate da Igreja e a tentativa de deslegitimação da religiosidade popular através da fala de um padre da região de Catanduvas, falando sobre o culto ao monge João Maria: “ A devoção foi perdendo forças pelo tempo...eu os orientava que o melhor lugar de se rezar era a Igreja...Hoje está completamente esquecido”(SANTOS, 2010:77)

A devoção ao monge João Maria de Jesus permaneceu muito mais viva e intensa do que aos outros monges, suas pregações representavam os ideais do primeiro profeta acrescentadas da aproximação com o catolicismo rústico dos caboclos. Suas práticas afrontavam a Igreja Católica de forma mais direta, assim como cativava os fiéis. Além disso perpetuou sua

presença, deixando vestígios por onde passava, até hoje existem as cruzes fixadas nos lugares por onde o monge passou, assim como as já mencionadas fontes de água. Tânia Welter afirma que “tudo o que, supostamente, pertenceu ou foi tocado por João Maria, no passado, foi transformado em símbolo espaço sagrado”.

No caso do Seu Juca sua religião oficial é o catolicismo, mas algumas de suas crenças e práticas não são consideradas sagradas pela Igreja Católica. Por outro lado ele acredita no poder de proteção de seus rituais e de suas imagens, inclusive situando o altar no lugar mais íntimo da casa, o quarto, inserindo assim suas divindades no cotidiano do ambiente. A parede do quarto também é repleta de imagens, quadros representando entidades sagradas católicas, assim como o símbolo da oração, o terço. É nesse ambiente que Seu Juca realiza suas orações diárias, permitindo que sua dificuldade de locomoção devido a sua avançada idade, não o afaste de sua religiosidade. As práticas religiosas populares estão impregnadas do cotidiano dos devotos, assim como o cotidiano dos devotos está impregnado das práticas religiosas populares. Essa dupla relação é que enriquece e pluraliza as crenças e os cultos, e o que permite tamanha diversidade religiosa no Brasil.

Seu Juca nos relatou que durante anos foi presidente da paróquia de Catanduvas e que ajudou a sua formação, dialogando com bispos na época e encaminhando documentação necessária para a oficialização. Também nos contou que foi o principal organizador da festa de São Cristóvão, padroeiro do município. Neste caso analisado portanto, percebemos uma imbricação de religiosidades, que se influenciam mutuamente. Vemos em sua religiosidade uma mescla de religião cívica (festividades católicas, culto a santos oficiais, participação política e de liderança dentro da Igreja) com a religião “rústica”. A religião doméstica está restrita ao ambiente familiar, mas isso não significa que não está dialogando com a sociedade. Nela podemos ver anseios, sonhos, esperanças, e principalmente memórias e permanências, que perpassam anos e são resignificados de forma peculiar em cada grupo e região.

Conclusão

No processo de busca pela bibliografia que aborda a religiosidade do Contestado, percebi que foi produzida muita obra a respeito da religiosidade da revolta na época do movimento, e que se limitava ao território onde os acontecimentos se deram. Mas através dos processos de migrações as pessoas trouxeram consigo suas heranças culturais, e no entanto, nesse novo território, essas práticas foram resignificadas, como por exemplo, em Catanduvas. Portanto compreendo ser importante analisar os vestígios das devoções ao monge João Maria de Jesus no território do oeste paranaense, assim como em outros territórios onde o fluxo de migração foi intenso.

A devoção ao monge João Maria de Jesus, como já mencionado, surgiu na Guerra do Contestado, movimento em que os camponeses reivindicaram a posse de terra, portanto essa religião possui uma identidade camponesa de reivindicação muito forte, até mesmo porque os monges se constituíam em líderes carismáticos muito próximos do universo camponês. A região convencionalmente chamada de Cantuquiriguaçu, onde é situada a cidade de Catanduvas, tem um histórico muito intenso de conflitos de terra, e até hoje enfrenta situações litigiosas nesse sentido, o que nos ajuda a entender as devoções de Seu Juca não apenas como uma herança do catolicismo colonial, mas também enquanto prática com sentido presente no seu espaço e tempo. Seu Juca não esteve ligado a nenhum movimento social de luta pela terra, mas participou do processo de migração, assim como muitos outros moradores da região. A busca de uma vida melhor e as promessas de terras férteis no oeste paranaense foram os principais motivos para o fluxo de migração tão diverso e intenso da região, o que nos remete novamente as pregações dos monges, a devoção e o reconhecimento de suas idéias não é uma mera coincidência.

Thompson nos fala da relação do povo com os costumes em busca de suas reivindicações:

Por isso cultura popular é rebelde, mas o é em defesa dos costumes. Esses pertencem ao povo, e alguns deles se baseiam realmente em reivindicações muito recentes. Contudo, quando procura legitimar seus protestos, o povo retorna frequentemente às regras paternalistas de uma sociedade mais autoritária, selecionando as que melhor defendam seus interesses atuais. (THOMPSON, 1998:19)

Em vários movimentos sociais históricos buscou-se criar uma identidade que possibilitasse o reconhecimento da população com a causa reivindicada. Nesse caso do Contestado, assim como em outros movimentos camponeses e messiânicos, a religiosidade estabeleceu costumes em comum, padrões de vida e símbolos identitários.

As práticas e símbolos do passado são reinventados, assim como aponta Thompson, conforma a proximidade com as reivindicações atuais, auxiliando na formação de identidades, como é o caso da identidade camponesa no movimento Contestado. São criadas portanto novas dinâmicas e leituras, mas seus significados são permeados pelas relações históricas por elas vividas no passado.

As aspirações e esperanças presentes nas profecias e pregações dos monges, oriundas de tempos remotos continuam presentes em nossa sociedade. O papel do historiador é refletir porque essas idéias e anseios permanecem ainda hoje na mentalidade das pessoas, transmitidas de geração para geração. Seria porque as desigualdades sociais permanecem? Ou porque o descaso com determinados grupos permanece? Uma certeza eu tenho os sonhos e a luta por uma vida melhor permanecem.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA JÚNIOR, Jair de. *Sementes da esperança : floresce a “santa religião” em solo catarinense - elementos formadores do messianismo no Contestado*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2009.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade*. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloíza Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 2006.

CARVALHO, José de Murilo. *Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: Uma Discussão Conceitual*. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?pid=S0011-52581997000200003&script=sci_arttext. Acesso em 9/07/2011.

MACHADO, Paulo Pinheiro. *Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

MARTINS, José de Souza. *Sociologia da fotografia e da imagem*. São Paulo: Contexto, 2008.

MIRCEA, Eliade. *O sagrado e o profano*. Tradução: Rogério Fernandes. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MONTEIRO, Duglas Teixeira. *Os errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

MONTES, Maria Lucia. As figuras do sagrado: entre o público e o privado. In: NOVAIS, Fernando A (Org.) . *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SANTOS, José Carlos. *Luzes na floresta: religiosidade como arte de governar no espaço colonial*. Cascavel, PR: Coluna do saber, 2010.

VINHAS DE QUEIROZ, Maurício. *Messianismo e Conflito Social*. 3ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 1981.

WELTER, Tânia. *O Profeta São João Maria Continua Encantando no Meio do Povo*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

¹ José Murilo de Carvalho sobre o conceito mandonismo: “Este talvez seja o conceito que mais se aproxime do de caciquismo na literatura hispano-americana. Refere-se à existência local de estruturas oligárquicas e personalizadas de poder. O mandão, o potentado, o chefe, ou mesmo o coronel como indivíduo, é aquele que, em função do controle de algum recurso estratégico, em geral a posse da terra, exerce sobre a população um domínio pessoal e arbitrário que a impede de ter livre acesso ao mercado e à sociedade política. O mandonismo não é um sistema, é uma característica da política tradicional. Existe desde o início da colonização e sobrevive ainda hoje em regiões isoladas. A tendência é que desapareça completamente à medida que os direitos civis e políticos alcancem todos os cidadãos. A história do mandonismo confunde-se com a história da formação da cidadania.” (CARVALHO, 1997).

² Nestor García Canclini defini o que ele chama de culturas híbridas: “entendo por hibridização processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos, práticas”. (CANCLINI, 2006: XIX).